



Consumo de alumínio no Brasil cresce em 2018, enquanto a produção cai

Associação Brasileira do Alumínio (ABAL) divulga os resultados sobre o desempenho do setor no ano passado

A indústria brasileira do alumínio fechou 2018 registrando aumento no consumo e um cenário desafiador na produção. No ano passado, o consumo de alumínio no país cresceu cerca de 10% em relação a 2017, totalizando 1 milhão e 383 mil toneladas. Dos setores que utilizam o metal, os maiores aumentos foram em embalagens, com 14%, transportes, com pouco mais de 12%, e o segmento da eletricidade, que atingiu 11%.

Para Milton Rego, presidente da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL), esse desempenho mostra que o setor vem retomando o seu dinamismo, mesmo diante da atribulada realidade vivida pelo Brasil no ano passado. "Crescemos apesar da greve dos caminhoneiros, da economia ter patinado e do ambiente político-eleitoral à flor da pele", recorda.

A situação requer atenção no tocante à produção nacional de alumínio primário, que em 2018 somou um total de apenas 659 mil toneladas, queda de mais de 17% em relação a 2017 (801,7 mil toneladas). Tal resultado se explica por duas razões. Uma delas pontual: o fato da maior fábrica de alumina do mundo, a Alunorte, em Barcarena, no Pará, operar com metade da sua capacidade desde o início de 2018. A alumina é o insumo do qual se produz o alumínio primário.

A outra razão está ligada às questões estruturais da economia brasileira. A principal delas é o impacto do preço da energia elétrica, uma vez que o processo de transformação da alumina em alumínio primário é eletro-intensivo. "Hoje, a energia elétrica adquirida responde por quase 70% do custo de produção do alumínio nacional. É um peso brutal, a conta simplesmente não fecha", diz Milton. Entre 2009 e 2015, lembra o presidente executivo da ABAL, nada menos do que cinco plantas de alumínio primário fecharam as portas no país.

A ABAL segue em tratativas com a equipe econômica do Governo Bolsonaro, assim como fez em administrações anteriores, no sentido de encontrar uma solução para o problema. A entidade é signatária, ao lado de outras 14 organizações de classe, de um documento que propõe a modernização do setor de energia. "Essa é uma questão fundamental para a competitividade não só da cadeia produtiva do alumínio, mas para toda a indústria brasileira", explica Milton.

O crescimento do consumo de produtos de alumínio no mercado doméstico foi coberto pelas importações, sobretudo de origem chinesa. "A pressão das importações, combinada com a queda da nossa produção de alumínio primário, preocupa. Além de diminuir valor agregado, quando deixamos de produzir alumínio a partir da bauxita brasileira, toda a cadeia perde competitividade. A ABAL entende que a integração da indústria é fundamental para a sustentabilidade do setor", alerta Milton Rego.

Sobre a ABAL

Fórum legítimo do setor, desde 1970, a Associação Brasileira do Alumínio defende os interesses das empresas que atuam diretamente ou dependem da indústria de alumínio. A entidade representa o setor junto ao governo e à sociedade, além de participar de fóruns e eventos relacionados ao negócio de seus associados. Além disso, mantém parcerias com federações e outras associações para ampliar o diálogo com toda a cadeia produtiva. Disseminadora de conhecimento, a ABAL responde pela elaboração de normas técnicas para a cadeia de processos e produtos do alumínio, e contribui com a qualificação profissional por meio de cursos, palestras e seminários em diversas áreas. A missão da entidade é tornar a indústria do alumínio mais sólida, forte e competitiva.



Gerson Sintoni

✉ gereson@pg1com.com

☎ [41 3018-3377](tel:4130183377)

☎ [11 99687-9074](tel:11996879074)

🌐 www.pg1com.com